

Contestações às normas do uso do preservativo no *currículo bareback*: produção da posição de sujeito *unrubberman*

Danilo Araujo de Oliveira
Shirlei Rezende Sales

Danilo Araujo de Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG

E-mail: danilodinamarques@hotmail.com

 <http://orcid.org/0000-0003-3222-3172>

Shirlei Rezende Sales

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG

E-mail: shirlei.sales@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-4446-9508>

Resumo

Este artigo traz parte dos resultados de uma pesquisa de doutorado. A análise foi elaborada sob a perspectiva curricular pós-crítica, que compreende que o currículo não se restringe às disciplinas escolares, mas se constitui em diferentes espaços e artefatos culturais. A metodologia utilizada articulou elementos da netnografia e análise do discurso de inspiração foucaultiana de um blog e três perfis do twitter. Nomeamos o conjunto heterogêneo de ditos localizados nesses sites de *currículo bareback*. O argumento desenvolvido é o de que nesse currículo produz-se a *posição de sujeito unrubberman* constituída com marcas específicas a partir da demanda da transgressão às normas do uso do preservativo. Essas marcas, no âmbito da prática sexual *bareback*, evidenciam tensões no modo de funcionamento da *pedagogia anti-AIDS* centrada na obrigatoriedade do uso do preservativo.

Palavras-chave: Currículo. Bareback. Preservativo.

Recebido em: 31/01/2022

Aprovado em: 19/04/2022



<http://www.perspectiva.ufsc.br>

 <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2022.e85646>

Abstract

Disputes to the rules for the use of condoms in the *bareback curriculum*: production of the *unrubberman* subject position

This article brings part of the results of a doctoral research. The analysis was carried out under the post-critical curricular perspective, which understands that the curriculum is not restricted to school subjects, but consists of different spaces and cultural artifacts. The methodology used articulated elements of netnography and Foucaultian-inspired discourse analysis of a blog and three twitter profiles. We name the heterogeneous set of sayings located on these bareback curriculum sites. The argument developed is that in this curriculum the position of the unrubberman subject is produced, constituted with specific marks based on the demand for transgression of the norms of condom use. These marks, in the scope of bareback sexual practice, show tensions in the way the anti-AIDS pedagogy works, centered on the mandatory use of condoms.

Keywords:

Curriculum.
Bareback.
Condom.

Resumen

Controversias a las normas para el uso de condones en el currículo de *bareback*: producción del cargo del sujeto de *unrubberman*

Este artículo aporta parte de los resultados de una investigación de doctorado. El análisis se realizó bajo la perspectiva curricular poscrítica, que entiende que el currículo no se restringe a asignaturas escolares, sino que consta de diferentes espacios y artefactos culturales. La metodología utilizó elementos articulados de netnografía y análisis del discurso de inspiración foucaultiana de un blog y tres perfiles de twitter. Nombramos el conjunto heterogéneo de dichos que se encuentran en estos sitios del currículo a pelo. El argumento desarrollado es que en este currículum se produce la posición del sujeto unrubberman, constituida con marcas específicas basadas en la exigencia de transgresión de las normas de uso del condón. Estas marcas, en el ámbito de la práctica sexual a pelo, muestran tensiones en el funcionamiento de la pedagogía anti-SIDA, centrada en el uso obligatorio del condón.

Palabras-clave:

Curriculo.
Bareback.
Condóm.

Introdução

Na década de 1980, emergiu, na história da sexualidade, a epidemia da aids¹. Inicialmente, pouco dominada pela medicina, de modo rápido, provocou muitas mortes e instaurou o medo em toda sociedade. Por seu caráter contagioso, transmitindo-se pelo sangue, pelo esperma e afetando proeminentemente grupos marginalizados, entre eles, os homossexuais masculinos² e os homens que fazem sexo com homens (HSH), a doença levantou questões de ordens biológica, social e moral (POLLAK, 1990). Conforme ressalta Gonzalez (2019, p. 60, tradução nossa³), “uma vez que a aids estava ligada à transmissão sexual, um pânico entrou em cena”⁴.

Esse pânico aconteceu após um momento de libertação gay dos anos 1960 e 1970 (HALPERIN, 2007), marcado pela desestabilização dos discursos que patologizavam a homossexualidade e pelas lutas contra repressão psíquica e opressão política. Com o advento da aids, ativa-se a “re-patologização da homossexualidade”⁵ (HALPERIN, 2007, p. 4). Desse modo, “o início da crise da aids significou o fim da libertação sexual gay” (GONZALEZ, 2019, p. 60). O significado de promiscuidade homossexual é alçado ao signo de comportamento sexual irresponsável e inseguro que precisava ser disciplinado e controlado. Descoberto o vírus que causava a aids – o hiv⁶ –, as expectativas de controle da epidemia se desenvolveram em torno de práticas educativas que orientavam e prescreviam o uso da camisinha masculina. Assim, “entre os homens que fazem sexo com homens (HSH), fazer sexo anal sem preservativo tornou-se uma relíquia da era pré-aids, substituída pelo código do preservativo” (GONZALEZ, 2019, p. 60).

Conforme destaca Chambers (1994), a prescrição do uso obrigatório do preservativo para todas as relações sexuais, para os gays em particular, tem força de um código moral. Não usar preservativo não é apenas imprudente. É errado e infringe as obrigações com uma comunidade que novamente enfrentava as discursividades que constituíam a homossexualidade como doença. Algumas inflexões passaram a acontecer no final dos anos 1990 com o advento de terapias medicamentosas que reduziram amplamente a mortalidade relativa à aids nas populações que tinham acesso aos medicamentos (DEAN, 2009; GONZALEZ, 2019). A partir desses fármacos, torna-se possível viver com o hiv. Entre as inflexões que surgiram, estão as mudanças nas práticas eróticas. É nesse contexto que emerge a prática sexual *bareback*.

¹ Considerando que aids é uma palavra de língua portuguesa, reconhecida pela Academia Brasileira de Letras após a Reforma Ortográfica, sendo, pois, não uma sigla, e sim nome da doença (inspirada na sigla em inglês), utilizaremos, aqui a palavra em minúsculo. Para mais detalhes sobre isso ver: https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/estilos/doenca_e/ou <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/01/cotidiano/10.html>

² Ao longo do texto, usamos as palavras homossexuais e seus derivados e também homens que fazem sexo homens (HSH). A primeira diz respeito aos homens que fazem sexo com homens também, mas se reconhecem, se percebem como homossexuais, participando de alguma forma do amplo espectro que constitui a cultura gay e incide na constituição de suas identidades. A segunda também será utilizada, uma vez que “alguns homens casados [com mulheres] e outros homens ostensivamente heterossexuais participam regularmente de atividades eróticas casuais com o mesmo sexo sem se considerarem gays” (DEAN, 2009, p. 11), assim como ocorre com a prática *bareback*.

³ Essa e as demais traduções, neste texto, são de nossa autoria.

⁴ Original em inglês.

⁵ Original em inglês.

⁶ Adotamos o uso do termo hiv em minúsculo nesse texto inspiradas/os na luta do autor e ativista Herbert Daniel, morto em 1992. O uso do termo em minúsculo objetiva diminuir o peso de ser portador do vírus. Na perspectiva de Herbert Daniel, o indivíduo não pode ser reduzido ao vírus, nem isso deve ser considerado centralidade em sua vida. Para mais detalhes sobre essas questões, sua vida e luta pela diversidade ver: GREEN, 2018.

Trata-se da prática sexual intencional, própria de homens que têm relações sexuais com outros homens, de não usar preservativos durante o sexo com parceiros ocasionais e/ou anônimos, constituindo-se como uma prática de premeditação e erotização do sexo anal sem camisinha (DEAN, 2009; HAIG, 2006). Tim Dean (2009, p. 2) afirma que o “termo mal existia antes de 1997, ajudando a tornar inconcebível a ideia de que homens gays renunciariam intencionalmente à proteção quando transam”⁷. Gonzalez (2019, p. 60), por sua vez, especifica quando esse termo entra no léxico cultural gay: “na capa de fevereiro de 1999 da *Poz Magazine*”. A revista⁸ descreveu o *bareback* como uma prática sexual clandestina que desafiava a norma do uso obrigatório do preservativo. A capa dessa edição traz a imagem de um homem branco e musculoso montado em um cavalo preto. A imagem faz referência à origem da palavra *bareback* que vem do hipismo e significa “montar a pelo”, ou seja, montar no cavalo sem sela, nem manta sobre o lombo do cavalo (GARCIA, 2009).

Mais tarde, a prática acabou ganhando novos adeptos, tornando-se uma comunidade e uma cultura (DEAN, 2009). Considerando, conforme defende Anna Paula Vencato (2015, p. 373), que a internet “abre um caminho fundamental para que [indivíduos/grupos] conheçam outras pessoas que compartilham de seus desejos e práticas e que torna possível falar sobre essa experiência”, podemos inferir que ela foi crucial para o amplo alcance que a prática tem hoje. Foi imbricado com o ciberespaço que a cultura *bareback* passou a contar “com seus próprios sites, pornografia e códigos”, provocando “profundas transformações culturais” (DEAN, 2009, p. 2).

Considerando, pois, essas afirmações e tomando-as como provocações, entendemos que a prática *bareback* se inscreve no presente como pedagogia cultural a qual se constitui, na perspectiva deste artigo, como um currículo que produz uma variedade de saberes sobre nós mesmos/as e sobre os/as outros/as. Nesse sentido, para pesquisar a prática sexual *bareback* mobilizamos uma concepção ampliada de currículo, inscrita na perspectiva pós-crítica. O termo pós-crítica é comumente utilizado para nomear um conjunto de perspectivas teóricas como pós-estruturalismo, pós-modernismo, teoria queer, estudos feministas e de gênero, estudos multiculturalistas, pós-colonialistas, étnicos, ecológicos etc (PARAÍSO, 2004).

O currículo “já há algum tempo vem sendo conceitualizado como uma ‘prática cultural’” (PARAÍSO, 2010, p. 29). Esse modo de conceituar currículo trouxe implicações não só para as maneiras como entendemos currículo, mas também como pesquisamos sobre currículos. Passamos, então, a compreender que currículo não se restringe apenas a disciplinas ou a um conjunto sistematizado de conhecimentos escolares, isso porque outras instâncias culturais mais amplas ensinam saberes, prescrevem condutas, divulgam valores e, portanto, têm um currículo (SILVA, 2020; PARAÍSO, 2010). Dito de outro modo, Marlucy Paraíso (2010, p. 37) afirma que “um currículo tem sua existência não somente nas políticas curriculares, nas escolas, nas faculdades de educação ou nas universidades”. Materializa-se, pois, segundo a autora, em diferentes espaços e artefatos como, por exemplo, bibliotecas, museus, mídia, brincadeiras, literatura, cinema, música, internet etc.. Currículo é, portanto, “um artefato envolvido em relações de poder de diferentes tipos que apresenta um conjunto de saberes para serem ensinados a alguém que se deseja transformar, modificar, subjetivar, governar” (PARAÍSO, 2010, p. 50). Assim, passou-se a pesquisar a existência e funcionamento dos currículos culturais não-escolares em diferentes espaços. Atentando-se para o caráter

⁷ Original em inglês.

⁸ GENDIN, Stephen. They Shoot Barebackers, Don't They? Poz, [S.l.], fev. 1999. Features. Disponível em: <https://www.poz.com/article/They-Shoot-Barebackers-Don-t-They-1459-4936>. Acesso em: 27 dez. 2020.

construído, para a dimensão de artefato cultural, para as relações de poder-saber e para o investimento em determinados tipos de sujeitos neles presentes, buscando “colocar em questão o que está sendo ensinado pelos diferentes currículos existentes” (PARAÍSO, 2010, p. 30).

Ao materializar-se no ciberespaço, a cultura *bareback* acaba por divulgar e produzir significados sobre o abandono do preservativo em termos específicos, mobilizando uma outra narrativa que luta para se constituir como verdade. Narrativa que entra em disputa com aquilo que é prevalentemente ensinado em outros espaços sobre saúde, prevenção e prazer sexual. Considerando, portanto, esse aspecto e as concepções de currículo supracitadas, compreendemos que a cultura *bareback* se constitui como um currículo. Dada a profusão de material encontrado no ciberespaço fizemos para a presente pesquisa um recorte.

Nomeamos como *currículo bareback* um conjunto de ditos heterogêneos localizados no ciberespaço, especificamente no blog *blogbarebackbr.blogspot.com* e três perfis do *Twitter*: *bare_putaria*, *@baredeprep* e *@bareback3*⁹. O blog e os perfis foram selecionados a partir de uma pesquisa exploratória que identificou o blog como o único em português com massiva divulgação da prática. Já os perfis foram selecionados por serem à época da pesquisa aqueles com mais seguidores e, portanto, com ampla capacidade de alcance. É, pois, fazendo referência a esse conjunto e às compreensões de currículo aqui explicitadas que mobilizaremos ao longo do artigo a expressão *currículo bareback*. Currículo, por sua vez, é entendido como discurso, isto é, como práticas produtivas de poder-saber que se dão sob condições de emergência específicas. Essa discussão foi realizada em uma pesquisa de doutorado concluída, na qual buscou-se analisar o funcionamento do *currículo bareback* na produção de verdades, saberes e posições de sujeito. O presente artigo traz parte dos resultados da pesquisa (OLIVEIRA, 2021) e o argumento aqui desenvolvido é o de que nesse currículo produz-se a *posição de sujeito unrubberman* constituída com marcas específicas a partir da demanda da transgressão às normas do uso do preservativo¹⁰. O termo *unrubberman* foi cunhado em referência ao termo *rubberman*, o qual pode ser traduzido como homem-borracha ou, no contexto originalmente empregado, aquele que, em todas as hipóteses, usa o preservativo de borracha. Já *unrubberman*, com o prefixo *un*, designa o que esse prefixo na língua inglesa anuncia: a negação de algo, o sentido de reverter determinada situação. Assim, o uso do termo *unrubberman* aqui traduz a marca proeminente dessa posição de sujeito: *aquele que transa sem preservativo*.

Metodologia: definições iniciais, procedimentos para produção de informações e análise do currículo bareback.

Para esta pesquisa, metodologicamente, articulamos elementos e procedimentos da netnografia – metodologia derivada da etnografia para investigar o ciberespaço - (SALES, 2010) e análise do discurso de inspiração foucaultiana – metodologia para produção de informações e análise das práticas discursivas. A netnografia foi utilizada para análise da cibercultura, para pesquisar como se dá o imbricamento da cultura *bareback* com a cultura

⁹ Esses nomes são fictícios para preservar o animato dos sites pesquisados.

¹⁰ Além da *posição de sujeito unrubberman*, na tese discutimos as posições de sujeito *preper*, *bugchaser* e *giftgivers*. Essas posições são conflituosas, constituindo os sujeitos de maneiras variadas, demandando que se engajem na prática sexual *bareback* por diferentes motivos. A *posição de sujeito preper*, por exemplo, é mobilizada, de algum modo, pela segurança que o medicamento PrEP (Profilaxia Pré-Exposição) oferece para as práticas consideradas arriscadas. Para o trabalho completo ver: OLIVEIRA, 2021.

do ciberespaço. Articulada à análise do discurso de inspiração foucaultiana, foi possível selecionar o blog e os perfis que fizeram parte da pesquisa, para em seguida produzir as informações e análises na perspectiva curricular. Para essas análises, mobilizamos também o conceito de sexualidade definido por Foucault, como um “conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais, por um certo dispositivo pertencente a uma tecnologia política complexa” (FOUCAULT, 2014, p. 139). Dito de outro modo, podemos compreendê-la como “um aparato social de produção de conhecimento e, de fato, de geração de certo tipo de verdade sobre os sujeitos humanos” (DEAN, 2018, p. 142). A partir desses recursos metodológicos e desses conceitos principais, seguimos com procedimentos de pesquisa que descrevemos a seguir.

O primeiro procedimento metodológico adotado advém da netnografia. Buscamos inicialmente fazer imersão no ciberespaço. Aqui foi possível obter informações sobre aspectos relativos à compreensão da cibercultura imbricados ao discurso *bareback* em circulação no ciberespaço. A primeira busca aconteceu de forma ampla, à procura de blogs que tratassem da temática. Foram obtidos muitos resultados. Assim, consideramos como critérios para escolha entre esses resultados encontrados: ser em português e tratar exclusivamente da prática sexual *bareback*. Então selecionamos inicialmente dois blogs. Porém eles não forneciam materiais suficientes para análise, pois não atualizavam suas postagens. Resolvemos então fazer uma outra procura pelo termo *bareback* no Facebook. Não utilizamos nenhum filtro para busca nessa plataforma. Consideremos, portanto, publicações de todos os tipos, de qualquer pessoa, de qualquer grupo, em qualquer lugar e qualquer data. No Facebook encontramos a divulgação de um blog com muitas postagens e conteúdos para análise, o qual foi selecionado para a pesquisa.

A partir da definição desse blog como objeto e local de análise, passamos a acessá-lo constantemente entre os meses de agosto de 2019 e março de 2020. Em algumas visitas priorizamos a observação como forma de conhecer a cultura de funcionamento do blog, bem como a prática *bareback* ali divulgada. Esse aspecto da imersão no ciberespaço aconteceu na fase inicial da pesquisa. Após leituras do material teórico e seguindo rigorosamente os preceitos metodológicos da netnografia combinada à análise do discurso foucaultiana, começamos a fazer capturas de fragmentos de textos, imagens e ditos variados que pudessem ser posteriormente utilizados. Essa coleta se deu, sobretudo, a partir de um modo específico de perguntar – *o que está sendo ensinado aqui?*

Buscamos também alguns perfis do Twitter para compor o corpo discursivo da pesquisa, considerando os mesmos critérios utilizados para a seleção do blog. Após um processo de busca mobilizando ferramentas disponibilizadas na própria rede, como, por exemplo, o tópico “explorar” e hashtag surgiram as opções: principais, mais recentes, pessoas, fotos e vídeos. Diante do objetivo de acompanhar perfis por um período maior de tempo, selecionamos a categoria “pessoas”. Dessas, escolhemos os três perfis com mais seguidores, considerando, assim, a ampla divulgação que esses têm em relação aos demais.

À medida que fomos acessando diariamente o campo de pesquisa, com aprofundamento no estudo dos conceitos teóricos demandados para explicar as informações que encontrávamos e considerando os aspectos metodológicos que aqui se aplicam, nosso olhar para a compreensão do *currículo bareback* foi se tornando mais apurado. Dessa maneira, pudemos articular os ditos do blog e dos perfis do Twitter de maneira a reorganizar as informações até então obtidas e refazendo buscas mais direcionadas aos objetivos da pesquisa. Começamos então a mapear, organizar e selecionar esses ditos, separando-os por categorias mais gerais, mas mantendo como estratégia basilar de descrição e análise o que estava sendo ali ensinado, quais conhecimentos estavam sendo divulgados e como

isso era feito. Através desses métodos pudemos fazer registros do que estava efetivamente sendo dito, escrito, compartilhado e tivemos contato direto com os elementos culturais próprios ao contexto analisado. Como, por exemplo, apreensão das linguagens, dos sentidos construídos, das relações de poder existentes, dos saberes divulgados, enfim de como funciona o *currículo bareback*.

Considerando, pois, que o currículo é um discurso – conforme discutimos no acima e a partir dos procedimentos metodológicos apresentados, buscamos neste artigo mostrar que o “discurso é uma prática: é o espaço que torna possível a produção de verdades e de sujeitos” (PARAÍSO, 2007, p. 54). A verdade pode ser entendida como um efeito da articulação poder-saber no discurso, como uma construção discursiva. É a partir desse entendimento que Cunha (2011, p. 56) afirma que “como efeito desse tipo de articulação discursiva, verdades instituem posições de sujeito”. No que se refere especificamente ao currículo aqui investigado, as verdades que informam sobre como deve ser um sujeito *barebacker*, os ditos divulgados e as divisões suscitadas, em articulação, demandam tipos específicos de sujeitos. Nesse artigo, focamos na produção da *posição de unrubberman*.

Nas análises aqui empreendidas, consideramos que “todas as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado são acompanhadas pela formação de certos tipos de conhecimento” (FOUCAULT, 1993, p. 205). Assim, mostramos quais conhecimentos adquirem caráter de verdade no *currículo bareback* conferindo marcas específicas à *posição de sujeito unrubberman*. Em outras palavras, podemos entender que determinadas verdades que esse currículo divulga podem informar posições de sujeito específicas.

As posições de sujeito se constituem como “posições discursivas” que produzem o sujeito “na mesma operação que lhes atribuem um lugar discursivo” (LARROSA, 1994, p. 66). Para Foucault (2008, p. 107), elas são um “lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes”. No entanto, ocupar determinada posição de sujeito não é algo que se dá de uma vez por todas, pelo contrário, confere-se um caráter contingente, instável e provisório à posição que um determinado sujeito pode ocupar. Desse modo, mais uma vez, conforme nos ensina Foucault, não operamos uma análise centrada no indivíduo, para pensar o aspecto de produção das subjetividades. Em vez disso, nos voltamos para os efeitos do discurso, ou, no caso deste artigo, para o funcionamento do currículo como discurso. Operando com a análise curricular buscamos mostrar como, no funcionamento desse currículo, é disponibilizada a *posição de sujeito unrubberman*, a qual tem marcas específicas. Essas marcas, dadas pelas condições de produção do discurso, “narram históricos de vontades, dizem das cobiças, aspiram verdades e incitam sujeitos a serem de determinadas formas” (CARDOSO, 2012, p. 154). São essas marcas que passaremos a explorar.

Posição de sujeito unrubberman: negar o uso do preservativo, transgredir às interdições de contato com os fluidos corporais

Conforme as narrativas, postagens e *hashtags* pesquisadas, mostramos que, nesse currículo, há uma demanda por um modo de ser *barebacker* que parece se importar apenas em praticar o sexo sem camisinha. Esse é um objetivo utilizado para guiar, estimular e provocar HSH, constituindo-se, pois, como uma importante marca da posição de sujeito aqui nomeada *unrubberman*. Destacamos dois fragmentos discursivos para mostrar a constituição dessa posição de sujeito no currículo aqui analisado:

Figura 1 – Captura de tela 1



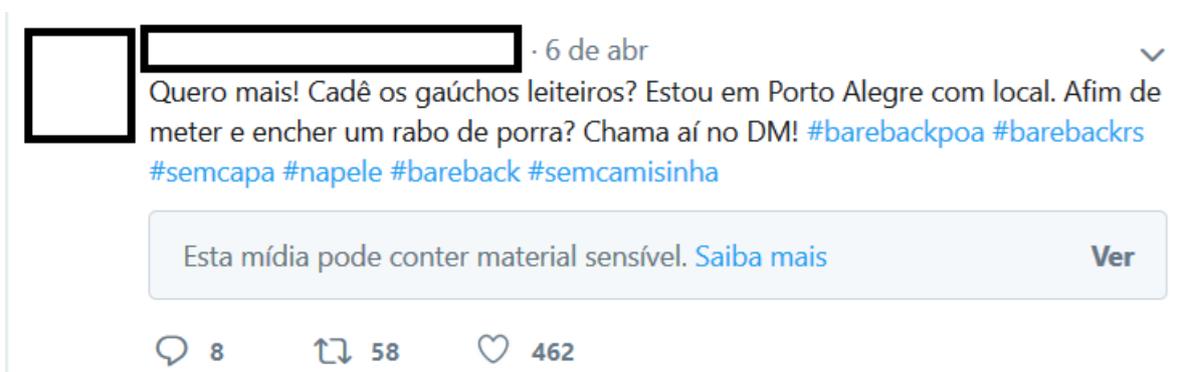
Fonte: *TWITTER*. Retweet de @bare_putaria. Postagem de 22 de novembro de 2019.

Figura 2 – Captura de tela 2



Fonte: *TWITTER*. @bare_putaria. Descrição de perfil.

Figura 3 – Captura de tela 3



Fonte: *TWITTER*. Tweet de @bare_putaria. Postagem de 6 de abril de 2019.

Figura 4 – Captura de tela 4



Fonte: *TWITTER*. Retweet de @bare_putaria. Postagem de 10 de março de 2019.

É possível localizar um uso intensivo e abundante das *hashtags* #nocondom #napele #nopelo #semcapa e #semcamisinha nos *tweets*. Postas em ação e disponibilizadas no currículo aqui investigado, essas *hashtags* constituem-se como um tipo de referência específica à posição de sujeito *unrubberman*. De acordo com Gislene Evangelista (2016, p. 45), “as *hashtags* estão por toda parte no ciberespaço e, além de divulgar conteúdos, elas possuem a característica de marcar uma mensagem como relevante, colocando-a em destaque”. O que está em relevo aqui parece ser exatamente o que procuramos mostrar como a marca proeminente da posição de sujeito *unrubberman*: *aquele que transa sem preservativo*. As palavras, do modo como estão organizadas nesse currículo, evidenciam a proposta do uso da *hashtag* (o símbolo “#”), podendo passar “a fornecer um meio de agrupamento instantâneo de mensagens e metadados” (COSTA-MOURA, 2014, p. 150). São mensagens que, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em fragmentos discursivos que mostram uma maneira específica de ser *barebacker*.

Essas *hashtags*, em um primeiro olhar, podem parecer similares ao significado do termo *bareback*, o qual, de modo geral, pode ser entendido como “premeditação e erotização do sexo anal desprotegido” (DEAN, 2009, p. 1). Afinal, quando se pretende divulgar conteúdos sobre o *bareback* utilizando palavras como essas, é a erotização do sexo anal desprotegido que está sendo divulgada como mensagem relevante, visto que o que liga as expressões utilizadas nas *hashtags* é exatamente a demanda por esse modo de ter relações sexuais. “#nocondom” é o termo em inglês para “#semcamisinha” que aparece, portanto, em duas línguas – inglês e português - e tem ainda como sinônimo a expressão “#semcapa”, sendo capa aqui um substantivo que substitui as palavras preservativo e camisinha. “#napele” refere-se ao sexo sem interferência, sem mediação de qualquer objeto, diz de uma pele com outra, é a fricção dessas peles. “#nopelo” é uma expressão que está relacionada à emergência do termo equestre *bareback*, montar o cavalo sem sela, em contato com o pelo do animal. A partir da disposição dos ditos em forma de *hashtag*, mostramos que o conjunto de conhecimentos que adquirem caráter de verdade sobre a prática sexual *bareback* é aquele que produz essa prática como o engajamento do indivíduo em relações sexuais sem preservativo, demandando, desse modo, a posição de sujeito *unrubberman*.

As postagens são acompanhadas de vídeos das experiências sexuais, nos quais parece que os próprios indivíduos filmam e compartilham os conteúdos na rede, onde são curtidos e *retwitados*. A função *retwitar* é um modo de republicar um conteúdo, seja do/a próprio/a usuário/a da conta ou de outra pessoa. Nesse caso, quando o perfil *retwita* sua própria mensagem, está considerando-a, de alguma maneira, relevante. A reiteração de algo traz consigo efeitos de poder. As palavras que aparecem nos ditos e *retwites* - #nocondom #napele #nopelo #semcapa #semcamisinha - são construídas em formas de *hashtag*, agrupando, assim, um conjunto de postagens que podem ser mais facilmente acessadas na rede pelo/a usuário/a. Desse modo, elas não são estáticas nem dizem de maneira neutra sobre as experiências dos *barebackers* e, sim, prescrevem modos de condução da conduta, já que se pretendem ensinar modos válidos de ter relações sexuais.

Consideramos, pois, que o modo como o currículo *bareback* funciona, com esses recursos específicos de linguagem – *retwite* e *hashtag* -, constitui-se como uma performatividade, entendida aqui como “um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos” (BUTLER, 2018, p. 35). A performatividade diz também de uma característica dos enunciados linguísticos, pois ela, assim como

os enunciados linguísticos, “no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer ou traz algum fenômeno à existência” (BUTLER, 2018, p. 35). Compreendemos que é dada uma existência através de uma declaração, aqui, em forma de *hashtag*: #nocondom, #napele, #nopelo, #semcapa, #semcamisinha. Essa declaração se constitui como prescrição, como divulgação de um conhecimento como verdade, representada pelo uso reiterado dessas *hashtags*. Divulga-se, por meio delas, uma maneira específica de ter relações sexuais, o que faz com que uma série de eventos possa acontecer como efeito disso. Instauram-se aqui relações de poder, ao incitar que o sexo seja #nocondom, #napele, #nopelo, #semcapa, #semcamisinha, ação que incide tanto na condução da conduta, demandando o sujeito *unrubberman*, como na disputa por produção de verdades acerca da prevenção nas relações sexuais.

Desse modo, faz-se emergir um modo de conduzir a si mesmo que rompe com uma regularidade discursiva que parece já bem aceita e instituída como verdade em muitos espaços, aquela que investiu no entendimento que temos acerca da obrigatoriedade do uso do preservativo nas relações sexuais, de modo que aquilo que está prescrito nesse currículo pode soar como estranho, assustador ou até mesmo inconcebível, para muitos/as de nós. Haig (2006, p. 8) defende que o uso do preservativo se constituiu como “uma das mais rápidas estâncias de transformação do comportamento massivo na história da promoção sanitária”¹¹. Tal comportamento pode ser entendido aqui como um termo de condução da conduta que está em relação com as verdades que os indivíduos se vinculam para conduzir a si mesmos e aos/as outros/as de uma forma específica. Assim, a necessidade do uso do preservativo é um dos conhecimentos que adquire caráter de verdade proeminente nas relações de poder as quais governam a conduta dos HSH em relação ao sexo e à sexualidade. No entanto, como está inserido em relações de poder, determinado conhecimento sempre está em disputa com outros conhecimentos que tentam mostrar-se, inserir-se, constituir-se também como verdade. Dessa forma, há, no *currículo bareback*, um investimento em produzir como verdade um outro conhecimento sobre o uso do preservativo nas relações sexuais. O uso das expressões #nocondom, #napele, #nopelo, #semcapa e #semcamisinha expressa uma transgressão ao conhecimento que se desenvolveu como parte de uma “pedagogia crítica anti-aids” nos últimos anos, a qual afirma que todos devem “usar o *condom* a cada relação sexual, não importando onde ou com quem” (GÓIS, 2003, p. 30, grifo do autor).

O modo de funcionamento do *currículo bareback* mostra o caráter contingente e inventivo daquele conhecimento que temos como verdade acerca da obrigatoriedade do preservativo em todas relações sexuais, evidenciando as relações de poder que o produzem. A produção desse conhecimento, inscrito na *pedagogia crítica anti-aids*, passou e passa por tensionamentos, não só por parte daquilo que é produzido como verdade no *currículo bareback*. Em outras palavras, as disputas por verdades em torno do uso do preservativo nas relações sexuais não se restringem ao funcionamento do *currículo bareback*, aqui especificamente demonstrado através dos recursos de linguagem do *retwite* e das *hashtags* #nocondom, #napele, #nopelo, #semcapa e #semcamisinha. Na singularidade dos acontecimentos históricos, podem-se localizar algumas descontinuidades que desestabilizam uma suposta trajetória linear da construção do preservativo como indispensável nas relações sexuais. Góis mostra que vários estudos, desde o final dos anos 1980 e por toda a década de 1990, “indicaram que a manutenção de um regime sexual no qual os preservativos de borracha fossem sempre um componente presente constituía uma pretensão infundada” (GÓIS, 2003, p. 30). Segundo o autor, a imprescindibilidade de reiterar a necessidade do uso do preservativo como

¹¹ Original em inglês.

instrumento e técnica da *pedagogia crítica anti-aids* determinou que a reflexão sobre os problemas de adesão do que autor chama de nova ordem erótica “fosse relegada a segundo plano” (GÓIS, 2003, p. 30).

Nessa pedagogia, há uma grande preocupação com os jovens nas campanhas preventivas ao hiv/aids, como resposta a uma maior ocorrência de casos de hiv positivo na juventude (DIAS, 2012; PAIVA; PERES; BLESSA, 2002). No Brasil, a prevalência de infecção pelo vírus hiv continua sendo entre jovens (WOHLGEMUTH; POLEJACK; SEIDL, 2020). Assim, as disputas discursivas em torno do preservativo, acionado com protagonismo no enfrentamento ao vírus hiv, incidem, principalmente, na condução da conduta dos/as jovens. Dessa forma, ao localizar, no *currículo bareback*, o incitamento a práticas sexuais sem preservativo, esse currículo concorre também mais proeminentemente para o governo da sexualidade juvenil. O Estado, as ONGs de prevenção à aids e o movimento LGBT, por meio das campanhas de prevenção que prescrevem o uso do preservativo em todas as relações sexuais, a Igreja Católica¹², através da reafirmação dos valores morais da abstinência sexual até o casamento, e o *currículo bareback*, contestando o controle das práticas sexuais por meio do preservativo, produzem diferentes modos de ser jovem. Constituem-se, portanto, disputas discursivas que acionam diversificadas técnicas, propõem múltiplos exercícios para a produção de determinadas subjetividades juvenis que estão impregnadas de valorações sobre o que é bom e mau, prazeroso, saudável, seguro, correto, adequado e inadequado na conduta de cada um/a.

Os conflitos e as disputas instaurados pelas relações de poder para produção de subjetividades juvenis e conduções da conduta em práticas sexuais ganham configurações específicas na atualidade no Brasil. Há um movimento conservador que, na politização da sexualidade, “volta a radicalizar a disputa entre religiões, família e gestoras com a ambição de controlar o que ‘se supõe que fazem’ os jovens” (PAIVA; ANTUNES; SANCHEZ, 2020, p. 2). Conforme mostra Seffner (2020, p. 2), existe um investimento na educação a partir de proposições legislativas ancorados em “valores da família e da religião”, que incide diretamente no retrocesso nas políticas de prevenção das IST¹³/aids. Como efeito disso, percebe-se uma “erosão do discurso das políticas públicas em saúde e sexualidade” (SEFFNER, 2020, p. 3). Segundo o autor, estas “deveriam estar baseadas em evidências”, no entanto, se “pautam em valores religiosos ou simples crenças pessoais que servem de argumento para desautorizar pesquisas científicas” (SEFFNER, 2020, p. 3).

Os conflitos em torno da prescrição do uso do preservativo nas relações sexuais estão inscritos, principalmente, na ordem da saúde, da moral e do prazer. Além de informar quais práticas sexuais são autorizadas, diferentes políticas sexuais e estilos de regulação moral (PAIVA; ANTUNES; SANCHEZ, 2020), distintos discursos sobre prevenção e o uso da camisinha concorrem para incitar determinados modos de condução da conduta de muitos jovens. O *currículo bareback* compõe esses conflitos. No que se refere à produção da *posição de sujeito unrubberman*, ele age de forma mais proeminente no campo do prazer. Percebe-se que, nessa posição, não há uma prescrição de preocupação com os riscos à saúde inerentes à prática *bareback*. Prescreve-se apenas que o sexo seja sem preservativo, como mostramos anteriormente. Ainda que haja uma sinalização da moralidade do que a prática suscita, quando se afirma, nesse currículo, que “essa prática nem sempre é totalmente aberta” (figura 5), é no prazer que ocorre um maior investimento. Assim, destaca-se que o sexo sem preservativo é “bom demais”, que é “tesão

¹² Para a discussão sobre a relação entre prescrição do uso do preservativo no âmbito da Igreja Católica ver: OROZCO, 2006.

¹³ Infecção Sexualmente Transmissível.

demais isso”. Para sentir esse tesão, é necessário que o indivíduo adote certas ações em suas condutas, como, por exemplo, “leitar” e “ser leitado”. Cabe aqui perscrutar o que cada um desses termos e seus correlatos engendram no currículo *bareback*. “Leitado” é aquele que recebe do parceiro o esperma no momento da relação, seja através do sexo oral ou anal, já aquele que “leita”, ou “leitador”, é quem fornece o esperma. Por isso, nesse currículo, atribui-se mais uma marca para a *posição de sujeito unrubberman*: aquele é “leitador” ou “leitado”:

Figura 5 – Título de postagem de blog 1



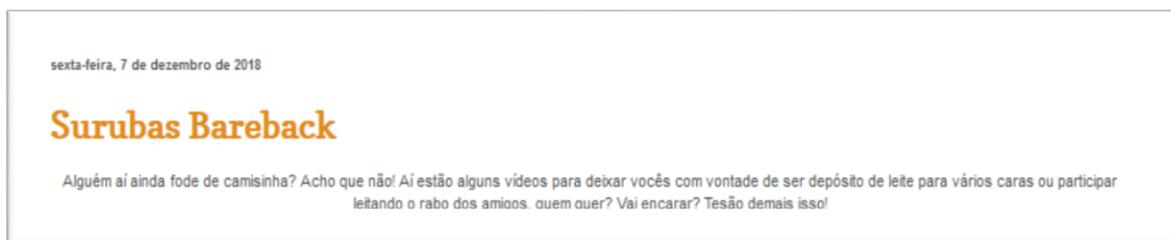
Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 22 de fevereiro de 2019.

Figura 6 – Título de postagem de blog 2



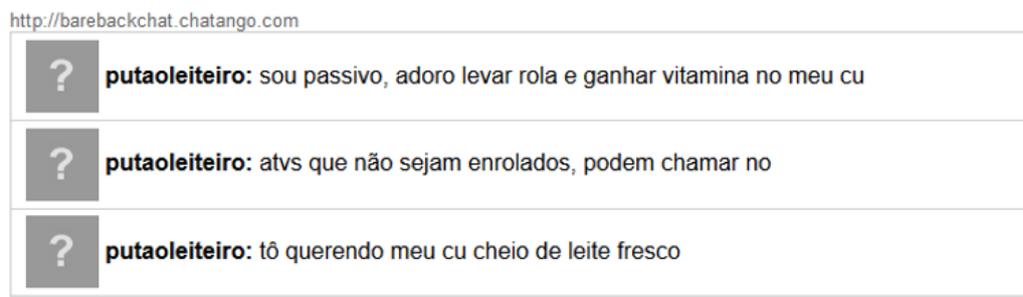
Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 9 de dezembro de 2018.

Figura 7 - Título de postagem de blog 3



Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 7 de dezembro de 2019.

Figura 8 – Chat do blog blogbarebackbr.blogspot.com



Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 14 de fevereiro de 2019.

Nomear aquele que busca o sexo sem preservativo como “leitador” e “leitado” designa o ápice da transgressão à norma da prescrição do uso compulsório do preservativo em todas as relações sexuais, pois, não somente se é incitado a transar sem preservativo, mas o fluido corporal torna-se objeto de desejo e excitação. O sêmen pode trazer com ele alguns significados importantes.

Ao investigar práticas sexuais exclusivas entre homens, Barreto (2019) percebeu que a corporalidade e os fluidos corporais são elementos significativos nessas práticas. Os sentidos dados a determinadas partes do corpo, substâncias e secreções tomam, no contexto dessas práticas, atribuições específicas, de maneira que ele localizou uma “singular erótica dos fluidos” (BARRETO, 2019, p. 724). No *currículo bareback*, os fluidos corporais – mais especificamente o esperma, como pode ser visto nos ditos acima - são mobilizados para demandar formas de condução da conduta que incidem na produção da *posição de sujeito unrubberman* com marcas específicas atribuídas pelos significados engendrados no âmbito da prática *bareback*.

Apesar da tradução e significado do termo *bareback* ser cavalgar sem cela - o que remete, predominantemente, à vinculação do termo ao sexo sem preservativo, ao sexo “na pele”, “no pelo” - a troca de fluidos corporais, do esperma ou do leite, conforme é nomeado no *currículo bareback*, haja vista os ditos anteriormente destacados, compartilhar fluidos corpóreos é uma demanda direcionada à condução da conduta da *posição de sujeito unrubberman*, constituindo-a como uma ação que pode proporcionar prazer. Em outras palavras, de acordo com Silva (2008, p. 111), o contato direto com o sêmen ou esperma na prática *bareback* “aparece importante para a autorrealização sexual”. Essa é uma demanda direcionada com frequência e de diversos modos no currículo investigado, presente de forma abundante nos ditos e nas cenas dos vídeos pornô nele divulgados, conforme pode ser visto na seção “Dos vídeos pornô”.

Dessa forma, se, no *currículo bareback*, ensina-se que o sexo mais prazeroso, mais excitante e bem melhor é o sexo sem preservativo, na pele (OLIVEIRA, SALES, 2020), nele também se engendram significados sobre a troca de sêmen, do esperma, que incidem na condução da conduta da *posição de sujeito unrubberman*. A partir das investigações feitas por Silva (2008), podemos notar que a prática *bareback*, quando vista sob essas duas perspectivas – apenas o sexo na pele ou com troca de espermas -, de modo oposto pelos praticantes, podem lhe ser atribuídos valores diferentes. Isso porque ele afirma que grande parte dos praticantes “destacou o prazer produzido no contato com o esperma, ainda que alguns tenham destacado o contato pele a pele como suficiente para justificar o sexo sem camisinha” (SILVA, 2008, p. 113).

O mesmo autor ressalta que “o ato de beber ou engolir esperma está presente nas práticas *bareback*, ainda que não seja exclusivo delas” (SILVA, 2008, p. 109). O que talvez possa diferir esse ato no âmbito da prática *bareback* das demais práticas sexuais parece ser os significados¹⁴ atribuídos que, no *bareback*, adquirem qualidades

¹⁴ Os sentidos e significados atribuídos ao esperma parecem ultrapassar aqueles circunscritos ao âmbito do *currículo bareback*. Buscamos trazer para discussão no corpo do texto aqueles referentes ao currículo aqui investigado ou os mais próximos a ele que se dão no contexto da prática *bareback* delineados por outros autores. No entanto, destacamos, aqui, para fins de aprofundamento necessários, que há uma ampla literatura sobre o tema. Foucault (2001) discute sobre a preocupação do desperdício do líquido seminal presentes no pensamento grego antigo mostrando a diferença dessa preocupação com a forma como ela se dá a partir dos séculos XVII e XVIII com as práticas médico-pedagógicas. Silva (2008) mobiliza diferentes bibliografias para fazer comparações entre os significados atribuídos aos fluidos sexuais e ao esperma no ocidente e no oriente, no âmbito da medicina indiana e chinesa.

específicas. São esses significados que buscamos aqui para discutir as marcas atribuídas à *posição de sujeito unrubberman*. Se tomarmos a pergunta - quais são as tensões que esses significados carregam e quais efeitos são capazes de produzir? -, talvez esses significados nos ajudem a problematizar o funcionamento do *currículo bareback*.

Para isso, busco mostrar como, ao nomear o esperma de uma outra forma como leite e vitamina, por exemplo, há, nesse currículo, uma estratégia de poder. Se é necessário descrever e analisar os modos de pensar e agir que a linguagem de um currículo conecta, o que ele ensina a fazer, que desejos sugerem que tenham (PARAÍSO, 2007), isso é feito aqui buscando tensionar os significados e as estratégias mobilizados no currículo investigado. Isso porque, por meio dos vocábulos leite, vitamina e seus correlatos, nesse currículo, inventam-se e empregam-se estratégias particulares para instrumentalizar os interesses e as escolhas da *posição de sujeito unrubberman*. Desse modo, a *posição de sujeito unrubberman* é produzida e regulada por meio da ativação dos significados que dão qualidades particulares aos termos aqui utilizados.

No que se refere à busca pelos possíveis significados do leite, mobilizamos, primeiramente, em uma breve genealogia feita por Paula Sibilia (2014), algumas inspirações. Nesse trabalho, a autora, para discutir o que é o obsceno na nudez, aciona algumas imagens ao longo da Idade Média, da Renascença e da contemporaneidade que apresentam algo em comum: a nudez do seio feminino. Nessa breve genealogia, com foco nessa nudez, ela traz reflexões sobre os significados e sentidos acerca do leite e da amamentação. Conforme é mostrado no texto, a partir das imagens de Madonna¹⁵, o aleitamento era divulgado de modo vinculado à santidade, com reminiscências virginais. Podemos ver imagens, como da Virgem do Leite, em que Nossa Senhora é representada “amamentando seu filho, numa pose que com frequência implicava a ostentação de um seio cujo mamilo se oferecia à boca aberta do santo bebê” (SIBILIA, 2014, p. 31). Imagens similares são presentes do século II até o século XVIII. Destaca-se ainda, na genealogia feita pela autora, que, “em certas ocasiões, esse leite materno exaltado nas imagens não nutre apenas o menino Jesus, mas ele alimenta também certos homens adultos” (SIBILIA, 2014, p. 32). Ela faz ainda menção aos santos lactantes, até mesmo um homem que havia recebido a graça de poder amamentar em situações adversas.

Desse modo, o/a aleitamento/amamentação era produzido/a como um milagre divino da nutrição física e espiritual. Com a modernidade, um outro olhar se constituiu sobre o seio, o aleitamento, o leite, vinculando-as às questões da sexualidade, “seja pelo viés da instrumentalização médica referida à reprodução ou à doença, seja pela via do erotismo e do desejo” (SIBILIA, 2014, p. 32). Nesse contexto, o que se percebe é que “o saber anatômico e a indústria pornográfica” (SIBILIA, 2014, p. 40) foram capturando suas significações. Assim, as Virgens do Leite não puderam mais ficar expostas, sendo até mesmo queimadas e/ou reformadas, apagando qualquer vestígio de uma amamentação explícita.

Apesar de a autora deter-se na discussão da nudez, o que queremos reter aqui são os significados da amamentação, do leite. Por meio da argumentação de Sibilia (2014), pode-se perceber que esses significados foram modificados ao longo da história, tendo efeitos específicos nas representações através das imagens. Quando “algo é descrito, explicado, em uma narrativa ou discurso, temos a linguagem produzindo uma ‘realidade’, instituindo algo como existente de tal ou qual forma” (COSTA, 2000, p. 77). Assim, os discursos pornográficos e médicos incidiram

¹⁵ A palavra Madonna vem do italiano. Em português, significa Nossa Senhora ou Virgem com menino, sendo, pois, uma representação na arte com pinturas e esculturas da Virgem Maria.

na descrição e explicação das Virgens do Leite modificando e alterando o modo como elas seriam exibidas. Considerando que os significados anteriores não deixam de existir, mas continuam em disputa para se fazerem verdadeiros nas relações de poder estabelecidas, a partir da contribuição de Sibilia (2014), podemos dizer que os significados acerca do leite a partir da modernidade podem se circunscrever, pelo menos, em três domínios: médico, erótico e espiritual. Este último domínio vinculado à nutrição, já que a transmissão da santidade, bondade e nutrição espiritual parecia se dar com a amamentação.

Esses domínios parecem incidir em certos significados sobre o leite na prática *bareback*, quando este é, no currículo aqui investigado, utilizado como um termo correlato ao esperma, e quando a amamentação, de algum modo, é vinculada à ejaculação na boca. Se, conforme afirma Bonfante (2019, p. 259), “os barebackers promovem deslocamentos simbólicos e morais em torno da nudez e da fisiologia humana, estabelecendo novas ordens de indexicalidade para o leite”, isso é feito misturando diversos sentidos e significados. Inspirado/a nos domínios estabelecidos na reflexão proposta por Sibilia (2014) – medicalização/saber médico, erotização -, mostramos como cada um desses termos estabelece vínculos nas produções de significados sobre o leite/amamentação feitas no *currículo bareback*.

Quando circunscrito à medicalização ou ao saber médico, o sêmen, assim como o leite, pode constituir-se ligado à reprodução ou à doença. Em uma sociedade na qual o sexo para *reprodução* se constitui como correto e valorizado, que organiza a discursividade em torno do modelo de família heterossexual, o sêmen é imprescindível¹⁶. Pode significar ainda intimidade entre casais que têm uma relação estável, de modo que a troca de fluidos corporais representa a intensidade dessa intimidade e confiança de uma relação monogâmica. Esse significado pode compor também as relações entre casais com pessoas do mesmo sexo.

Quando ligado à *doença*, “existe toda uma problematização biomédica contemporânea sobre os males ou prejuízos que o sêmen pode, de fato, provocar, principalmente na forma das infecções sexualmente transmissíveis” (SILVA, 2008, p. 110). Desse modo, o próprio uso da camisinha no momento mais intenso da epidemia da aids trouxe associações perturbadoras e inconscientes a cada ato sexual: “associações de prazer e violência, sexo e punição, intimidade e ferimento, amar e matar – ou ser morto”¹⁷ (ODETS, 1995, p.133). Era possível estar mais protegido, conversar com o/a parceiro/a sobre os riscos que rondavam o sexo, talvez ter mais prazer, mas “terminado o ato sexual, ele[o preservativo] jaz[ia] cheio de um fluido letal, uma lembrança concreta dos sentimentos misturados sobre homossexualidade, pecado, punição sofrimento e morte” (ODETS, 1995, p.133). O fluido corporal, nesse campo discursivo da doença e morte, é aquilo sobre o qual devemos manter distância. Em outras palavras, “evitar a troca de fluidos corporais tornou-se não apenas um mandato de saúde pública, mas também um imperativo categórico” (GONZALEZ, 2019, p. 60).

No enfrentamento à epidemia de hiv/aids, o uso do preservativo não somente passou a ser um imperativo de saúde pública, mas figurou a centralidade dentro do movimento gay, definindo “normas de conduta” (GARCIA, 2009, p. 546) à população homossexual, a fim não somente de enfrentar a epidemia, mas também de alçar essa população à normalidade. Junto a isso, muitas campanhas, no período da epidemia, trouxeram lemas morais pela via

¹⁷ Original em inglês.

da metáfora, fomentando “associação direta de certas condutas sexuais, e especialmente homossexuais, com o perigo, a doença e a morte, assim como a confusão do vírus com as pessoas” (GARCIA, 2009, p. 556-557).

Diante disso, tornou-se necessário ressignificar ou, pelo menos, disputar pela produção de outros sentidos acerca dos fluidos corporais. Então, talvez por isso, no *currículo bareback*, o sêmen é nomeado como leite. Isso parece ser uma estratégia desse currículo, possuindo um importante papel no seu funcionamento, constituindo-se como uma maneira de moldar e orientar a conduta da *posição de sujeito unrubberman*, fazendo-o tornar-se sujeito de um certo tipo. Leitar e ser leitado são ações impregnadas de significados arrolados no âmbito da prática *bareback*. Percebemos, portanto, que, nesse currículo, há um modo de funcionamento próximo ao que Paraíso (2007) notou com o currículo da mídia educativa, ao afirmar que esta “seleciona com esmero as estratégias que utiliza, o vocabulário que emprega” (PARAÍSO, 2007, p. 174).

Isso tem efeitos específicos nos modos como o sêmen é construído pelo saber médico, constituindo-se, pois, como uma estratégia que associa o sêmen a uma outra representação. Quando, nesse currículo, mobilizam-se as expressões “leitar e ser leitado”, para se referir à ejaculação no ânus ou na boca do parceiro, portanto, à troca e contato direto com o esperma, há, nas relações de poder aqui instauradas, uma tentativa de suavizar os dramas que essa demanda de condução da conduta ao indivíduo que pratica *bareback* carrega. Assim, “a linguagem eufêmica e metafórica do leite, que invoca a semelhança entre aquele e o esperma”, é utilizada como estratégia “para ressignificar sua propriedade de risco” (BONFANTE, 2019, p. 258), comprovada pelo saber médico. Evidenciando isso, além dos ditos destacados em forma de *print* mais acima, podem ser vistos mais alguns outros similares a eles abaixo:

“Ele me chupou de novo e meu pau saiu jatos de leite na boca dele e ele engoliu tudo” (conto Banheiro na faculdade no Centro do Rio – blogbarebackbr.blogspot.com)

“Enquanto ele me chupava, peguei meu pinto, segurei e fiquei tocando mais forte, pois sabia que já estava vindo leite” (conto Garoto loiro e de olhos azuis no banheiro das Barcas - blogbarebackbr.blogspot.com)

“Quando colocava a mão, já colocava para me chupar, e no final bebia meu leitinho” (conto Aprendendo mais e mais com Ronaldo - blogbarebackbr.blogspot.com)

Podemos perceber, assim, que há ainda predominância dos termos leite e outros dele provenientes, até menos do diminutivo, como podemos localizar no último dito, vinculando-os, pois, “ao campo semântico da infância, inocência, e nutrição do leite, olvidando os sentidos biomédicos de risco atribuídos ao sêmen e à troca de fluidos” (BONFANTE, 2019, p. 259). Desse modo, em alguns momentos, “a performance do desejo *bareback* deve ser comunicada com cuidado, sob o signo de uma linguagem nova, eufêmica e zelosa” (BONFANTE, 2019, p. 259).

Alguns termos são ainda mobilizados, portanto, vinculando-os à amamentação e à infância, adensando a mesma estratégia de suavização dos dramas/riscos. Em um dos contos eróticos divulgados no *currículo bareback*, encontramos, por exemplo, ditos com as seguintes afirmações: “meu amigo Claudio mamava ele demais” (conto Fudendo a3 com um micareteiro em Niterói), “o desconhecido me mamava que nem uma criança mama uma mamadeira, direto e curtindo” (conto Fudendo a3 com um micareteiro em Niterói). Nesse espectro da suavização, encontramos também o termo “vitamina”. Silva (2008), em ocasião de sua pesquisa também feita no ciberespaço,

encontrou “os conceitos de líquido precioso e néctar (que remetem à ideia de fonte de alimento e vida), também estiveram associados ao esperma” (SILVA, 2008, p. 109).

O termo vitamina aparece vinculado à demanda de leitar ou ser leitado direcionada à *posição de sujeito unrubberman*. Esse termo é mobilizado no *currículo bareback* também na forma de condução da conduta quando utilizado como verbo, conforme pode ser visto no dito da figura 6: “muitos têm tesão em vitaminar ou mesmo ser vitaminado”. Nesse currículo, *vitaminar* aparece definida como uma ação de *barebackers* “que têm o tesão em repassar o vírus, carimbadores”¹⁸. No entanto, em alguns ditos, não é possível inferir que se trata dessa ação efetivamente, sendo muitas vezes correlato e/ou próximo à ação de leitar ou ser leitado. Vitamina pode ser, portanto, acionada para se referir simplesmente ao esperma. Barreto (2020, p. 203), durante suas investigações, afirmou que percebeu vitamina como uma “expressão a ser utilizada em situações que não se relacionavam a algum desejo de contaminação, mas sim a um certo valor nutritivo do esperma em si, de um desejo de se alimentar pelo fluido do outro”.

Pode haver, assim, um espectro de variação de sentidos sobre vitamina e seus termos homólogos nesse currículo. Além disso, no contexto da prática *bareback*, a produção de significações sobre o que é vitamina “pode estar vinculada à presença do vírus [do hiv], mas também ao uso dos medicamentos ou coquetéis” (SILVA, 2008, p. 143).

Se, nas imagens sacras analisadas por Sibilia (2014), o leite é representado como nutrição, no *currículo bareback*, esse significado é ativado, imbricando-se aos sentidos já produzidos com o uso do termo “vitamina”. Ensina-se, por exemplo, nesse currículo, que, “com cerca de 15 calorias por porção, o esperma contém a mesma quantidade de proteína, vitamina C, cálcio, magnésio, potássio, vitamina B12 e zinco de um ovo comum”¹⁹. Após fornecer essas informações, pergunta se tomar esperma engorda pelo fato de ele conter também frutose. Respondendo de forma negativa, explica-se que o líquido tem pouca caloria na quantidade encontrada em uma única ejaculação. A partir disso, incita-se nesse currículo: “Pode tomar leite à vontade então!”.

Ao mesmo tempo em que é necessário suavizar, é também necessário tornar a troca de espermatozoides em algo *erótico*. Algo que é feito com palavras que, ao contrário dos recursos que suavizam a troca de espermatozoides, buscam intensificar, acentuar, aguçar a demanda por essa ação na condução da conduta da *posição de sujeito unrubberman*. Veja, por exemplo, quando, no currículo, isso é só feito por “barebackers nível 10!” (figura 8), por meio da pergunta se “tem coisa melhor do que deixar seu leite dentro de um puto?” (figura 9). Então, concomitantemente ao uso de termos que suavizam os riscos do sexo sem preservativo, encontramos, nos ditos, expressões como “putaria hard”, “tesão em vitaminar” (figura 8), “leitando o rabo dos amigos” (figura 10), mostrando, desse modo, que as relações de poder nesse currículo se constituem de forma muito complexa em um emaranhado de estratégias que podem até mesmo ser conflitantes.

O leite aqui, como correlato ao esperma, é circunscrito ao campo do erótico, misturando-o com vocábulos próprios desse campo como “putaria”, “puto”, “tesão”. Trata-se de um erotismo vinculado explicitamente à transgressão das normas do uso do preservativo. Pergunta-se no *currículo bareback*: “Alguém aí ainda fode sem

¹⁸ Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 9 de outubro de 2018.

¹⁹ Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 9 de outubro de 2018.

camisinha? Acho que não!”²⁰. Junto a isso, nos demais ditos aqui registrados, podemos perceber como transar sem preservativo é associado ao tesão que ela pode proporcionar, por isso, nesse dito parece haver um entendimento que a maioria opta por essa prática sexual.

Considerações finais

Considerando as discussões feitas nesse artigo, entendo que as principais marcas da *posição de sujeito unrubberman* são: a negação quanto ao uso do preservativo e a transgressão às interdições de contato com os fluidos corporais. Essas são marcas próprias dessa posição que constitui um modo de ser *barebacker*, entre outros disponibilizados no currículo investigado. Os significados analisados se aproximam proeminentemente da demanda por um modo de ser *barebacker* que parece se importar apenas em praticar o sexo sem camisinha, em leitar ou ser leitado. Em outras palavras, afirmamos que essa marca diz mais especificamente da posição de sujeito *unrubberman*, porque o pressuposto eminente que conduz a conduta do “leitador” e do “leitado” deve ser que o sexo seja *#nocondom #napele #nopelo #semcapa #semcamisinha*, pois só assim ele pode se constituir como “leitador” ou “leitado”.

Por último, vinculado às marcas de leitador e leitado atribuídas à posição de sujeito *unrubberman*, vale destacar que, em diversas campanhas mais recentes, pode-se perceber um modelo de prevenção que promove, ainda hoje, a estigmatização, a desinformação, o temor ao prazer sexual, como a esse prazer constituído no âmbito dessa posição, reiterando aquilo que é considerado como um modelo de sexualidade a ser seguido. Nesse sentido, talvez a prática *bareback* seja “politicamente um protesto contra o medo do prazer e do sexo que é fomentado inadvertidamente pelas regras de prevenção biomédicas e os discursos do ‘sexo seguro’ ou ‘sexo mais seguro’” (GARCIA, 2009, p. 552).

Desse modo, as marcas “leitador” e “leitado” têm uma especificidade aqui porque estão vinculadas ao sexo entre homens homossexuais e/ou HSH. Nesse sentido, Garcia (2009, p. 547) defende que, “quando um homossexual admite desfrutar da incorporação do sêmen ou do contato genital de pele com pele, seu prazer se transforma instantaneamente uma declaração política”, ainda que essa declaração possa ser vista como parte de uma “suspeitosa e nova militância” (GARCIA, 2009, p. 547). Portanto, trata-se de uma declaração que pode ser vinculada de alguma forma à *posição de sujeito unrubberman*, quando se atribui a essa posição a marca de “leitador” ou “leitado”, erotizando essa marca e constituindo os modos de condução da conduta do leitador e do leitado como algo prazeroso. Ainda que essa declaração política não seja explícita, o que se mostra aqui, na *produção da posição de sujeito unrubberman*, é uma condução da conduta que contesta as prescrições já convencionadas na promoção do uso do preservativo para evitar o contato com os fluidos corporais, que parece incidir principalmente junto aos homossexuais masculinos, considerando o vínculo entre hiv, aids e homossexualidades.

Então, há, aqui, um modo de gestão da vida e do prazer inscrito em relação, negociação com uma definição de risco. É evidente que, em termos epidemiológicos e biopolíticos, esse modo de condução da conduta desperta algum interesse e preocupação. Isso porque o engajamento massivo nessa prática pode gerar algum efeito que não diz respeito apenas às escolhas individuais, mas incide naquilo que, em termos de biopolítica, é nomeado como população. No entanto, a instauração do medo, demonização, silenciamento e acionamento da moralidade como

²⁰ Fonte: blogbarebackbr.blogspot.com. Postagem de 7 de dezembro de 2019.

mecanismo de enfrentamento à prática bareback, como já vimos historicamente nas estratégias de prevenção, podem não se constituir como políticas eficazes. Pelo contrário, o que se afirma é a necessidade de dialogar com as fantasias que os indivíduos criam (PARKER, 2000; SEFFNER, 2002; PAIVA, 2002). Todavia, essa perspectiva parece ser abandonada. Segundo Dean (2009, p. 11), “quando o sexo sem camisinha é abordado de uma perspectiva epidemiológica, a dimensão da fantasia desaparece completamente”. Dito de outro modo, “quando o sexo entre homens é reduzido a questões de transmissão viral, não é mais tratado como sexualidade” (DEAN, 2009, p. 11).

É preciso considerar os limites do presente estudo, pois, as investigações nele empreendidas se deram exclusivamente no ciberespaço. A fim de ampliar a compreensão do fenômeno, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas futuras focadas em um diálogo mais direto com os próprios sujeitos que se engajam nas práticas sexuais *bareback*.

Esperamos que toda a argumentação aqui desenvolvida contribua para o debate acerca das diversificadas questões que envolvem a sexualidade. Que possamos adensar nossa compreensão em torno dos desafios do presente. E que o campo educacional e curricular multipliquem as ferramentas analíticas para o entendimento das posições de sujeito culturalmente demandadas, em meio às complexas relações de poder contemporâneas.

Referências

- BARRETO, Victor Hugo de Souza. Erótica dos fluidos masculinos em práticas sexuais coletivas. *Etnográfica*. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 23, n. 3), p. 717-738, 2019.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Responsabilidade, consentimento e cuidado*. Ética e moral nos limites da sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), p. 194-217, 2020.
- BONFANTE, Gleiton Matheus. *Breeding theory: Foucault e Goffman no estudo de performances do desejo bareback em grupos de whatsapp*. In: OLIVEIRA, Thiago; MAIA, Helder Thiago. *Práticas sexuais: itinerários, possibilidades & limites de pesquisa*. Salvador: Editora Devires, 2019. p. 249-267.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performática de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARDOSO, Livia Resende. *Homo experimentalis: dispositivo da experimentação e tecnologias de subjetivação no currículo de aulas experimentais de ciências*. 2012. 309 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- CHAMBERS, David L. *Gay men, aids, and the code of the condom*. *Harvard Civil Rights Civil Liberties Law Rev*, v. 29, n. 2, p. 353-385, 1994.
- COSTA, Marisa. *Mídia, magistério e política cultural*. In: COSTA, Marisa. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 73-92.
- COSTA-MOURA, Fernanda. *Proliferação das #hashtags: uma lógica da ciência, discurso e movimentos sociais contemporâneos*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. XVII, número especial, ago. 2014. pp 141-158.
- CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva. *Currículo, gênero e nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico?* 2011. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

- DEAN, Tim. *Unlimited intimacy: reflection on the subculture of barebacking*. London: The University of Chicago Press, 2009.
- DEAN, Tim. *Foucault and Sex*. In: DOWNING, Lisa. (Ed.). *After Foucault: Culture, Theory, and Criticism in the 21st Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. p. 141-154.
- DIAS, Claudio José Piotrovski. “*Um sinal de decadência*”: críticas católicas a promoção do preservativo aos jovens como método de prevenção ao HIV/AIDS. *Revista Angelus Novus*, n. 4, p. 78-96, 2012.
- EVANGELISTA, Gislene Rangel. *#CurrículoDoFacebook: denúncia da crise e demanda pela reforma do Ensino Médio na linha do tempo da escola*. 2016. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- GARCIA, Esteban Andrés. *Políticas e prazeres dos fluidos masculinos: barebacking, esportes de risco e terrorismo biológico*. In: DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (Org.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 537-555.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 7 ed.
- FOUCAULT, Michel. Verdade e subjetividade. *Revista de Comunicação e Linguagem*. Lisboa, n. 19, p. 203-223, 1993.
- GÓIS, João Bôsko Hora. *A mudança no discurso educacional das ONGS/AIDS no Brasil: concepções e desdobramentos práticos (1985-1998)*. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 7, n. 13, p. 27-44, ago. 2003.
- GONZALEZ, Octavio R. HIV *Pre-Exposure Prophylaxis (PrEP)*, “*The Truvada Whore*”, and the New Gay Sexual Revolution. In: VARGHESE, Ricky (Org.) *RAW: PrEP, Pedagogy, and Politics of Barebacking*. Canada: University of Regine Press. 2019. p. 60-66.
- GREEN, James Naylor. *Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel, pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- HALPERIN, David M. *What Do Gay Men Want? An Essay on Sex, Risk, and Subjectivity*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 2007.
- HAIG, Thomas. *Bareback Sex: Masculinity, Silence, and the Dilemmas of Gay Health*. *Canadian journal of Communication*, Montreal, v. 3 n. 1, p. 859-877, 2006.
- LARROSA, Jorge. *Tecnologias do Eu e Educação*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ODETS, Walt. *In the shadow of the epidemic. Being HIV-negative in the age of AIDS*. Durham: Duke University Press, 1995.
- OLIVEIRA, Danilo Araujo de; SALES, Shirlei Rezende. *Mais prazeroso, mais excitante e bem melhor: a produção da verdade sobre o prazer no currículo bareback*. In: PARAÍSO, Marlucy; SILVA, Maria Patrícia. *Pesquisas sobre currículos e culturas: tensões, movimentos e criações*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020.
- OLIVEIRA, Danilo. A. “*Cavalgar sem sela*”: ensinamentos, demandas e incitações do currículo bareback em oposição às normas do uso do preservativo. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38849>.

- OROZCO, Yury del Carmen Puella. *Nem Teocracia nem Exclusão: As Intervenções da Igreja Católica no Brasil 1995–2005*. 2006. 376 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- PAIVA, Vera. *Sem mágicas, sem soluções: A prevenção ao HIV e à AIDS como um processo de Emancipação Psicossocial*. In: PARKER, Richard; TERTO, J. R. *Aprimorando o debate: respostas sociais frente à aids: Anais do Seminário: Prevenção à AIDS: Limites e possibilidades na Terceira Década*. Rio de Janeiro: Abia., p. 20-27, 2002.
- PAIVA, Vera; PERES, Camila; BLESSA, Cely. Jovens e adolescentes em tempos de AIDS: reflexões sobre uma década de trabalho de prevenção. *Rev Psicol USP*, São Paulo, v. 13, p.55-78, 2002.
- PAIVA, Vera; ANTUNES, Maria Cristina; SANCHEZ, Mauro Niskier. O direito à prevenção e a transformação do dispositivo de sexualidade em tensão com a nova-velha ordem: uma agenda de pesquisa. *Interface Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 24, p. 1-6, 2020.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. *Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa*. **Cadernos de pesquisa**, v. 34, p. 283-303, 2004.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículo e formação profissional em lazer*. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira (Org.) *Lazer em estudo: Currículo e Formação Profissional*. Campinas: Papyrus. 2010. p. 27-58.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação*. Chapecó: Argos, 2007.
- PARKER, Richard. *Na contramão da aids: Sexualidade, intervenção, política*; Rio de Janeiro: Editora 34/Abia, 2000.
- POLLAK, Michael. *Os homossexuais e a Aids: sociologia de uma epidemia*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1990.
- SALES, Shirlei Rezende. *Orkut.com.escol@: currículos e ciborguização juvenil*. 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SEFFNER, Fernando. *Prevenção à aids: Uma ação Política-Pedagógica*. In: PARKER, Richard; TERTO, J. R. *Aprimorando o debate: respostas sociais frente à aids: Anais do Seminário: Prevenção à AIDS: Limites e possibilidades na Terceira Década*. Rio de Janeiro: Abia. 2002.
- SEFFNER, Fernando. *Entre saber, crer e desejar*. *Interface – Comunicação, saúde, educação*, v. 24, p. 1-4, 09 abr. 2020.
- SIBILIA, Paula. *O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas*. *Revista Famecos*, v. 21, n. 1, p. 24-55, 2014.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 3 ed., 2020.
- SILVA, Luís Augusto Vasconcelos da. *Desejo à flor da tel@: a relação entre risco e prazer nas práticas de barebacking*. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- VENCATO, Anna Paula. *Entre “reais” e “virtuais”*: noções sobre risco e verdade em um clube brasileiro para crossdressers. *Cadernos Pagu*, n. 44, p. 367-390. 2015.
- WOHLGEMUTH, Maria das Graça Corrêa; POLEJACK, Larissa; SEIDL, Eliane Fleury. Jovens universitários e fatores de risco para infecção. *Ravista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2020.